



DIA DA TERRA: INSTRUMENTO DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE PLANETÁRIA

6 agosto 2026

O Dia da Terra tem suscitado diferentes entendimentos, desde posições de apoio à efeméride até considerações avaliativas tendentes ao descrédito. Não sendo solução para os graves problemas ambientais com que o mundo se defronta, este dia simbólico pode ser uma oportunidade de sensibilizar, de repensar modelos de atuação a nível económico e opções estratégicas a nível político.

A oficialização dos “Dias Internacionais” relacionados com os problemas ambientais tornou-se numa prática comum por parte das Nações Unidas e das suas Agências especializadas, de tal forma que a proclamação de “Décadas” temáticas se vulgarizou também.

A génese do Dia da Terra

O Dia da Terra começou a ser comemorado com um carácter formal no início da década de 70 do século XX e a data escolhida foi o dia 22 de abril. Contudo, esta iniciativa foi desde logo associada ao trabalho desenvolvido pelo professor da Universidade do Michigan e ambientalista norte-americano, Morton Shelly Hilbert. Em 1968, este professor organizou um Simpósio de Ecologia Humana particularmente vocacionado para o meio académico. Procurando o envolvimento de grupos de estudantes, este académico prosseguiu com a problematização em torno dos riscos ambientais com implicações na saúde pública. Paralelamente, foram definidos os critérios orientadores e de fundamentação sobre a necessidade de criar um dia comemorativo que permitisse evidenciar e reforçar preocupações planetárias. Esta comemoração passaria a ter um carácter ritual com realização anual, sempre no mesmo dia, apresentando objetivos comuns que, na verdade, seriam duplos. Em primeiro lugar, o Dia da Terra permitiria ressaltar as particularidades planetárias, ou seja, os aspetos únicos de demarcam o Planeta Terra e que reforçam as potencialidades e as oportunidades para o futuro da Humanidade. Em segundo lugar, esta efeméride permitiria criar um pensamento crítico com base na identificação de alertas de sensibilização relativos aos diversos riscos ambientais, geradores de impactos humanos, tendo como preocupação principal a definição de modelos de atuação diferenciados e alternativos.

Ao longo do tempo, e na sequência destas ações precursoras, foram sendo criados diversos movimentos juvenis de carácter associativo orientados por diferentes modelos de intervenção. Neste quadro destaca-se o *Project for Survival* (Freire, 2026) que se aproximava do formato de Jornadas Ecopedagógicas orientadas para a sensibilização socioambiental.

No âmbito académico, estas iniciativas ganharam relevância ao defenderem um modelo metodológico de ensino orientado para a aplicação prática no que respeita à proteção ambiental, tanto dos ecossistemas como da biodiversidade. Mas, por outro lado, estas ações além de protagonizadas por académicos foram assumidas por ativistas ambientais e políticos. Como exemplos podem destacar-se as intervenções de (Freire, 2026, Ferreira, 2026):

– O senador e democrata Gayrold Nelson, que defendeu a metodologia de capacitação intitulada *teach-in* e que protagonizou a proposta de criação de uma agência especializada em questões ambientais, tendo a manutenção da natureza como preocupação principal. Esta iniciativa esteve na origem da criação da Agência de Proteção Ambiental norte-americana;

– Ralph Nader, que assumiu publicamente a sua posição política na valorização e defesa da natureza.

A criação do Dia da Terra deu visibilidade a uma sucessão de outras iniciativas orientadas para a defesa e proteção ambiental. No conjunto, estas ações podem ser consideradas como um indício da génese do que, mais tarde, viria a ser a filosofia inerente à estratégia e metodologia da Educação Ambiental.

A viabilidade de uma efeméride

Desde logo, o Dia da Terra foi marcado pela massiva mobilização estudantil na promoção de atividades educativas orientadas para a sensibilização dos problemas ambientais, bem como para a preocupação com o emergente conceito de sustentabilidade planetária. Ainda que com um carácter precursor, é estimado que em 1970 tenham sido mobilizadas cerca de 12.000 instituições de ensino, desde o básico ao universitário, reunindo mais de 20 milhões de pessoas, o que atesta a preocupação tanto com o presente como com o futuro do planeta (Freire, 2026, Ruttkay, 2025, UNEP, 2020). Paralelamente, tornou-se evidente a crescente sensibilidade e receptividade para com o associativismo juvenil que caracterizou o final da década de 60 e o início

CAIXA 1. A MENSAGEM POR TRÁS DA COMEMORAÇÃO

Ano após ano, o Dia da Terra tem sido associado a um slogan com o objetivo de sensibilizar de forma fácil e alargada o que habitualmente se define como as diferentes partes interessadas (*stakeholders*). Esta é uma metodologia criativa, que permite indiferenciadamente passar, de forma eficaz e positiva, uma mensagem sobre problemas concretos que requerem atenção e intervenção, chegando aos destinatários, sejam membros da comunidade educativa, especialistas, políticos, empresários ou sociedade civil em geral. Ainda que tenha uma capacidade de intervenção pontual, a criação da mensagem a transmitir é objetivada por slogans, imagens e, em certos contextos, som.

Em 2026, o slogan foi *Our Power, Our Planet*, o que favoreceu uma articulação entre o espaço que enquadra a Humanidade nas múltiplas ações da sua ação, a capacidade de tomar decisões conscientes e responsáveis seguindo modelos participativos e orientados para o empoderamento (*empowerment*), perspetivando o futuro equacionado com a sustentabilidade.

de 70, período fortemente influenciado pela dupla crise mundial, económica e energética. Os indícios críticos de âmbito socioeconómico, mas também socioambiental, facilitaram a mobilização e o envolvimento juvenil em manifestações de rua para a defesa da Terra.

Por fim, e em resultado do crescente associativismo, o tema foi captando a atenção de grupos da sociedade civil com capacidade de intervenção política. Este interesse foi manifesto tanto na esfera nacional como no plano internacional, passando a ser entendido, até à atualidade, como um tópico de discussão em cimeiras de Chefes de Estado com o objetivo de definir estratégias e metodologias de ação conjuntas. A mobilização associativa em manifestações capitalizou as preocupações em relação aos riscos ambientais dando seguimento a uma progressiva formalização em organizações da sociedade civil. Numa fase inicial, a não formalização marcou a mobilização, mas com o tempo estas entidades foram-se constituindo como Organizações Não Governamentais de Ambiente (ONGA), sendo que algumas adquiriram um âmbito internacional de intervenção, integrando parcerias e redes.

Desde o início dos anos 70, as atividades relacionadas com a política ambiental foram lentamente desenvolvidas ao longo do tempo e de forma variável nos resultados, já que dependentes das opções estratégicas de cada país. Com o intuito de criar sinergias na intervenção, em 1972, foi criada a Agência das Nações Unidas para o Ambiente (*United Nations Environment Programme*) sob a forma de programa. Contudo, o reconhecimento oficial do Dia da Terra ocorreu apenas em 2009 (UNEP, 2020) por meio da resolução A/RES/63/278 da Assembleia Geral das Nações Unidas (United Nations, 2009) que instituiu o Dia Internacional da Mãe Terra (*International Mother Earth Day*). Seguindo as práticas comemorativas anteriores, foi assumido que o dia 22 de abril seria definido como um marco para todos os Estados-membros das Nações Unidas. Neste sentido foi assumido que os diferentes Estados têm uma dupla responsabilidade ambiental, por um lado, de promover e realizar atividades de alerta face aos riscos ambientais e, por outro lado, de proteger o ambiente nas suas diferentes aceções.

Diferentes abordagens e entendimentos

Com o evoluir do tempo, o significado dos Dias Internacionais na área do Ambiente alternou no entendimento. Por um lado, têm sido evidentes as posições efusivas em relação à efeméride defendendo a sua continuidade; por outro lado, têm emergido considerações avaliativas tendentes ao descrédito que decorre da evidência da ineficácia do impacto das comemorações.

A urgência de uma intervenção global eficaz passou a ser definida como prioridade dos ativismos na área ambiental, enquadrados por grupos emergentes da sociedade civil e que anteriormente não tinham um acesso direto e generalizado à tomada de decisões, nem a nível nacional nem em cimeiras internacionais.

Por parte de grupos setoriais pró-ambientalistas, evidencia-se a extrema valorização da comemoração destas datas pelo reconhecimento da urgência de atuar no sentido da mudança de comportamentos dos diferentes atores, sejam individuais, coletivos ou corporativos e de reavaliação das opções estratégicas nacionais e globais. Os que defendem a continuidade reveem na sensibilização o primeiro passo para alcançar resultados no futuro. Paralelamente, procuram dar seguimento às propostas de ação repetidamente apresentadas em conferências internacionais, tais como as abreviadamente denominadas Cimeiras da Terra, desde a Eco92 do Rio de Janeiro, e que formalmente aprovaram documentos orientadores, tais como a Carta da Terra e a Agenda 21. Neste seguimento, o que foi proposto como estratégia de Educação Ambiental passou a ser assumido como uma metodologia de ação prioritária para, no longo prazo, garantir a sustentabilidade planetária. É neste enquadramento que se propõem os modelos educativos orientados para

as questões ambientais, tanto formais como informais, considerando-se o meio privilegiado para alcançar uma relação socioambiental equilibrada e cumpridora dos requisitos e pressupostos inerentes ao conceito de desenvolvimento sustentável. Estes princípios presentes no Relatório Brundtland, originalmente publicado como *Our Common Future* em 1987, mantêm-se atuais, a saber: (a) a interdimensionalidade do processo de mudança; (b) a articulação entre, pelo menos, três grandes dimensões, a social, a económica e a ambiental; e (c) a solidariedade intergeracional, que integra a dimensão temporal perspetivando o futuro. A urgência de uma intervenção global eficaz passou a ser definida como prioridade dos ativismos na área ambiental, enquadrados por grupos emergentes da sociedade civil e que anteriormente não tinham um acesso direto e generalizado à tomada de decisões, nem a nível nacional nem em cimeiras internacionais.

De tempos a tempos, as comemorações dos Dias Internacionais de Ambiente passaram por processos de descrédito por não se identificarem com facilidade mudanças efetivas na forma como as comunidades, mas principalmente os representantes políticos e as grandes corporações, enquadravam a natureza nas suas prioridades. As principais críticas apresentadas face a uma certa euforia, ou pelo menos entusiasmo, de alguns grupos de ambientalistas aquando das comemorações do Dia da Terra, e de outros Dias Internacionais, tais como da Água, das Florestas, do Combate à Desertificação, dos Oceanos ou da Biodiversidade, centram-se no ceticismo relativamente aos resultados reais que daqui decorrem. Estes dias são definidos por um certo esvaziamento de ação que não ultrapassa uma sensibilização considerada como meramente pontual, não evidenciando um impacto real no que respeita à sustentabilidade. Paralelamente, a demarcação do Dia da Terra tem sido alvo de críticas por ser conotada com uma interpretação ideológica associada ao aproveitamento político e partidário, tanto a nível interno nos diferentes países como de âmbito internacional.

Desafios para o século XXI

A consciencialização para os riscos decorrentes tanto da sobreutilização de recursos como da degradação ambien-



tal generalizada pressupõe uma reflexão apurada sobre a era que continua a priorizar o economicismo. Durante muito tempo, o século XXI foi considerado como auspicioso no seguimento de modelos anteriores duplamente produtivistas e consumistas, orientados para gerar riqueza. Mas a evolução do tempo, demarcando a emergência de crises económicas sucessivas, permitiu também um novo olhar para o século XXI, adaptativo no que respeita às mentalidades convencionalmente definidas como evoluídas. Assim, a urgência de passar do conceito à prática foi sendo evidenciada, procurando criar comportamentos responsáveis em todas as esferas de atividade – entenda-se política, económica, social e cultural, de defesa e de segurança –, com a capacidade de influenciar orientações na tomada de decisões a um nível global.

Também na confluência deste século XXI emergiram grandes crises globais com afetação ambiental – e mais concretamente socioambiental. Multiplicaram-se as guerras alargadas e os conflitos armados e de efeito prolongado, tanto no tempo como nos intervenientes, produtores de impacto humano, social, cultural, político e económico.

Nas abordagens dos estudos internacionais, a conceção do espaço é convencionalmente definida pelas linhas de fronteira. Contudo, os riscos ambientais globais obrigam a um novo olhar para uma realidade não necessariamente demarcada pela delimitação fronteiriça. A dinâmica transfronteiriça ganha destaque e obriga a uma abordagem partilhada entre dois ou mais Estados associados a uma multiplicidade de interesses. Este é o caso, por exemplo, do enquadramento das diferentes espécies migratórias no equilíbrio ambiental em todo o mundo e que requerem uma ação de proteção e conservação complementar entre os Estados pelos quais circulam. Também os bens comuns globais (*global commons*) obrigam a reequacionar o olhar sobre a dinâmica global que não depende de jurisdições nacionais, tal como sucede com o espaço e os fundos marinhos.

As crescentes agressões aos ecossistemas, incluindo os que são naturalmente definidos como vulneráveis, apresentam repercussões para o equilíbrio da biodiversidade. Os diversos fatores de risco

– entre os quais os eventos climáticos extremos, a sobreutilização de espaços naturais, a ausência de planeamento e o sobreconsumo de espécies de flora e de fauna – têm promovido um aumento anual do número de espécies, incluindo endémicas, com estatuto de ameaçadas. Estas são espécies descritas na *Red List* da IUCN (*International Union for Conservation of Nature*). Todas estas questões são tão relevantes quanto as preocupações com as ameaças à sustentabilidade, representando desafios na articulação de âmbito mundial.

Reflexões sobre a efetividade da distinção do Dia da Terra

Para além da eventual demagogia associada a determinadas orientações ideológico-partidárias, o que pouco contribui para uma real consciencialização dos problemas ou para a identificação das desejadas soluções, é atualmente incontestável a influência humana, ou antropogénica, no agravamento da situação ambiental a nível mundial.

É também neste âmbito que a Educação Ambiental é revisitada, contribuindo para reinventar de forma criativa e inovadora os modelos de atuação que promovem e valorizam os espaços, os recursos e as espécies a partir de novos olhares.

Em todo o mundo, mas com maior incidência em alguns territórios, tem sido evidente a multiplicação dos eventos climáticos extremos, tais como tempestades e inundações, ou, ao contrário, secas prolongadas com agravamento dos processos de desertificação. São casos particulares de afetação ambiental os países dotados de extensas linhas de costa ou influenciados por bacias hidrográficas incluindo partilhadas, os pequenos territórios insulares e as áreas densamente povoadas, o que conflui frequentemente com zonas de proximidade com o mar ou com os rios. A crise climática é um dos fatores que mais tem contribuído para

a reflexão sobre a urgência de intervir com eficácia na regulação da atividade antropogénica intensiva e depredadora, tal como referia Paul Crutzen e Eugene Stoemer (2020), a Era dos Humanos (*Age of Humans*). Este fator, agravado pela “supermodernidade” do processo denominado por Will Steffen (2015) por *The Great Acceleration* dos processos complexos, claramente humanos, que ameaçam os limites e consequentemente a sustentabilidade planetária. Em torno destas questões socioambientais de risco, são procuradas soluções de larga abrangência seguindo modelos de interdependência e de cooperação internacional.

A atenção hoje atribuída a projetos de conservação de espécies e de preservação de ecossistemas que procuram a manutenção dos espaços e o equilíbrio de toda a cadeia alimentar ultrapassam o conservacionismo convencionalmente atribuído aos amantes da Biologia e, em geral, de todas as ciências da vida. A necessidade de adotar um enquadramento interdisciplinar confere às ações ambientais um carácter holístico e sistémico como garantia do bem-estar do Planeta e, consequentemente, da população que o habita, a Humanidade. É também neste âmbito que a Educação Ambiental é revisitada, contribuindo para reinventar de forma criativa e inovadora os modelos de atuação que promovem e valorizam os espaços, os recursos e as espécies a partir de novos olhares. Fundamentados em princípios éticos e responsáveis, são promovidos comportamentos adaptados a uma interação ambientalista enquadrada por uma natureza preservada, mas também humanizada porque preocupada com a valorização do Planeta no seu conjunto. Mais do que uma sensibilidade meramente economicista, recuperam-se modos alternativos de entender a economia, defendendo-se a circularidade como meio de garantir a necessária rentabilização, minimizando os constrangimentos do desperdício, das perdas e da degradação dos ecossistemas.

O Dia da Terra surge em todas estas reflexões como um instrumento de impacto mínimo que permite avivar consciências para a urgência de, em cada esfera socioambiental e independentemente das partes interessadas envolvidas, se promoverem ações em prol da sustentabilidade. As iniciativas são, naturalmente,



FIGURA 1. ALGUMAS MENSAGENS ASSOCIADAS AO DIA DA TERRA

Fonte: Elaborado pela autora.

Ano/período	Mensagem
2026 2025	O nosso poder, o nosso Planeta
2024	Planeta versus Plásticos
2023 2022	Investir no nosso Planeta
2021	Restaurar a nossa Terra
2020	Salve a Mãe Terra
2019	Proteja as nossas espécies
2017	Literacia ambiental e climática
2016	Árvores para a Terra
2015	É a nossa vez de liderar
2014	Campanha Cidades Verdes
2012	Mobilize a Terra
2011	Florestas: a natureza ao seu serviço
2010	O que cada um faz conta

diversas e geradoras de impactos muito diferenciados. O entendimento segue no sentido de que qualquer ação que contribua para a sustentabilidade planetária representa uma mais-valia, já que o todo é também constituído por partes em interação permanente (ainda que não se esgote nessa soma). Maioritariamente, trata-se de ações simbólicas centradas na limpeza de praias ou de áreas florestais, na recolha de plásticos e de outros resíduos sólidos, em campanhas de reflorestação ou na realização de encontros científicos orientados para a partilha de experiências.

Na sua mensagem sobre o Dia da Terra, António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas, refere:

“A Mãe Terra deu-nos tudo. Nós retribuimos com destruição desenfreada, ao poluir o seu ar, envenenar as suas águas, destabilizar o seu clima e ao levar inúmeras espécies ao limite (...). Ao redor de todo o mundo, jovens ativistas, povos indígenas, cientistas e sociedade civil estão a guiar o caminho. O poder deles é o nosso poder. Governos e empresas devem corresponder a essa coragem com ação urgente – pelo nosso planeta, por todos que dependem dele e para todas as gerações que virão” (Guterres, 2026).

O Dia da Terra é, assim, concebido como uma oportunidade de repensar modelos de atuação do ponto de vista económico, de reinventar opções estratégicas do

ponto de vista político e de reconstruir representações socioculturais sobre o Ambiente, reajustando comportamentos atendendo ao futuro. A interpretação do significado deste dia simbólico, tal como de outros que contribuem para ressaltar problemas ambientais que requerem intervenções urgentes, não pode ser equacionada como uma solução milagre de resposta rápida e imediata. O suposto, e desejado, milagre só ocorre como resultado após um longo, intenso e apurado trabalho de ajustamento de mentalidades, de adaptação de formas de fazer e de prossecução de processos. E este complexo e desejado enquadramento só é possível com permanente consciencialização de que a mudança ocorre, antes de mais e em primeiro lugar, em cada um de nós. ●

<https://doi.org/10.26619/2183-4822.2026.CJ.15>

Referências

- Crutzen, P.; Stoemer, E. F. (2000). *International Geosphere Biosphere Programme* (IGBP). Newsletter.
- Ferreira, Santiago (2026). *A história do Dia da Terra – e por que ainda é importante*. Naturlink. Disponível em <https://naturlink.pt/a-historia-do-dia-da-terra-e-por-que-ainda-e-importante/>
- Freire, Noélia (2026). *Por que celebramos o Dia Mundial da Terra neste dia?* In *National Geographic Portugal*, Meio Ambiente, Ecologia. Disponível em https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/dia-mundial-terra-e-celebrado_4928#google_vignette
- Guterres, António (2026). *Mensagem para o Dia da Terra*. Disponível em <https://unric.org/pt/mensagem-para-o-dia-mundial-da-terra/>
- Ruttkay, Zuzana (2025). *Dia da Terra 2026: Origens, Factos, Tema e Como Fazer a Diferença*. Oásis Biosistema (blog). Disponível em <https://oasisbiosistema.com/blog/dia-da-terra/>
- Steffen, W.; Broadgate, W.; Deutsch, L.; Gaffney, O.; Ludwig, C. (2015). The trajectory of the Anthropocene: The great acceleration. *The Anthropocene Review*, 2(1), 81–98
- UNEP (2020). *Saiba por que o Dia da Terra é mais importante do que nunca*. Programa das Nações Unidas para Ambiente. Disponível em <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/saiba-por-que-o-dia-da-terra-e-mais-importante-do-que-nunca>
- United Nations (2009). *Resolution 63/278, International Mother Earth Day*. Adopted by the General Assembly on 22 April 2009 (A/RES/63/278). Disponível em <https://docs.un.org/en/A/RES/63/278>